

MONTEVERDIA ILICIFOLIA NO TRATAMENTO DA GASTRITE E CONDIÇÕES GÁSTRICAS: EVIDÊNCIAS FARMACOLÓGICAS

Dayvid Batista Da Silva¹, Adriana Valéria dos Santos Carinhanha Mendes²,
Erika de Araújo Silva³, Jéssica Machado Gomes Cunha⁴

Resumo: A gastrite é uma inflamação da mucosa gástrica que pode ser classificada como aguda, crônica ou atrófica, sendo frequentemente relacionada à infecção por *Helicobacter pylori* (*H. Pylori*), uso de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), consumo de álcool e estresse. Apesar das terapias convencionais disponíveis, como inibidores da bomba de prótons (IBPs) e antibióticos, essas opções podem apresentar limitações, incluindo efeitos adversos e falhas terapêuticas. Diante disso, cresce o interesse por tratamentos fitoterápicos, destacando-se a *Monteverdia ilicifolia* (*Mart. ex Reissek*) Biral (espinheira-santa), conhecida por suas propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e gastroprotetoras. Este estudo teve como objetivo descrever as evidências científicas sobre a eficácia da *M. ilicifolia* no tratamento da gastrite, abordando seus mecanismos de ação, benefícios terapêuticos e possíveis riscos. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, de natureza descritiva, retrospectiva e abordagem qualitativa. A busca ocorreu nas bases SciELO, PubMed/MEDLINE, LILACS e BVS, utilizando descritores controlados e operadores booleanos, incluindo estudos publicados nos últimos 10 anos que analisassem a aplicação terapêutica da planta na gastrite, em humanos ou modelos experimentais relevantes. Os estudos analisados demonstraram que os extratos de *M. ilicifolia* apresentam propriedades gastroprotetoras significativas, como redução da secreção ácida, aumento da produção de muco gástrico, atividade antioxidante e ação contra *H. pylori*. Tais efeitos estão associados à presença de compostos bioativos, como taninos, flavonoides e triterpenos. Os resultados obtidos em modelos experimentais foram comparáveis aos medicamentos convencionais, sugerindo o potencial da planta como tratamento alternativo ou adjuvante para gastrite. Apesar dos benefícios

¹ Farmacêutico e Mestre e Doutorando em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Acadêmica em Farmácia pelo Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA).

³ Acadêmica em Farmácia pelo Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA).

⁴ Acadêmica em Farmácia pelo Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA).

observados, é essencial a realização de ensaios clínicos controlados em maior escala para confirmar a segurança, eficácia e padronização do uso da *M. ilicifolia* na prática clínica.

Palavras-chave: espinheira-santa; gastrite; inflamação gástrica; tratamento; fitoterapia.

Abstract: Gastritis is an inflammation of the gastric mucosa that can be classified as acute, chronic, or atrophic, and is often related to *Helicobacter pylori* (*H. pylori*) infection, use of nonsteroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs), alcohol consumption, and stress. Despite the availability of conventional therapies, such as proton pump inhibitors (PPIs) and antibiotics, these options may have limitations, including adverse effects and therapeutic failures. Given this, there is growing interest in herbal treatments, notably Monteverdia ilicifolia (Mart. ex Reissek) Biral (espinheira-santa), known for its anti-inflammatory, antioxidant, and gastroprotective properties. This study aimed to describe the scientific evidence on the efficacy of *M. ilicifolia* in the treatment of gastritis, addressing its mechanisms of action, therapeutic benefits, and possible risks. An integrative review of the literature was conducted, which was descriptive, retrospective, and qualitative in nature. The search was conducted in the SciELO, PubMed/MEDLINE, LILACS, and BVS databases, using controlled descriptors and Boolean operators, including studies published in the last 10 years that analyzed the therapeutic application of the plant in gastritis in humans or relevant experimental models. The studies analyzed showed that *M. ilicifolia* extracts have significant gastroprotective properties, such as reduced acid secretion, increased gastric mucus production, antioxidant activity, and action against *H. pylori*. These effects are associated with the presence of bioactive compounds, such as tannins, flavonoids, and triterpenes. The results obtained in experimental models were comparable to conventional drugs, suggesting the plant's potential as an alternative or adjuvant treatment for gastritis. Despite the observed benefits, it is essential to conduct larger-scale controlled clinical trials to confirm the safety, efficacy, and standardization of *M. ilicifolia* use in clinical practice.

Keywords: espinheira-santa; gastrite; gastric inflammation; treatment; phytotherapy.

1 INTRODUÇÃO

A gastrite é uma condição inflamatória que afeta a mucosa gástrica e pode ser classificada em diferentes tipos de acordo com sua etiologia (infecciosa, autoimune, química, entre outras) e evolução (aguda, crônica). Do ponto de vista histológico, ela se caracteriza por uma infiltração de células inflamatórias na camada epitelial do estômago, podendo levar a alterações estruturais significativas. Existem três formas principais de gastrite: aguda, crônica e atrófica (evolução da gastrite crônica). A gastrite aguda é um processo inflamatório transitório e autolimitado, frequentemente associado a agentes irritantes, como anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), álcool, estresse fisiológico ou infecção pela bactéria *H. pylori* (Lima *et al.*, 2021).

Por outro lado, a gastrite crônica se desenvolve ao longo do tempo e pode ser causada por infecções persistentes também ocasionadas por *H. pylori*, doenças autoimunes ou refluxo biliar crônico, resultando em danos progressivos à mucosa gástrica. Já a gastrite atrófica, por sua vez, representa um estágio avançado da inflamação crônica, se caracterizando pela destruição

gradual das células produtoras de ácido e enzimas digestivas, podendo levar a deficiências nutricionais, como a anemia perniciosa, devido à diminuição da absorção de vitamina B12. Além disso, a progressão da gastrite atrófica está associada a um maior risco de desenvolvimento de neoplasias gástricas (Salem; Hajar, 2022; Alves *et al.*, 2024).

A gastrite é uma inflamação da mucosa gástrica que pode ser aguda, crônica ou atrófica, variando conforme a causa e evolução clínica. Historicamente, é caracterizada por infiltração inflamatória no epitélio estomacal, podendo causar alterações estruturais relevantes. A forma aguda geralmente resulta do uso de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), álcool, estresse ou infecção por *H. pylori*, sendo transitória. Já a crônica, provocada por infecções persistentes, refluxo biliar ou distúrbios autoimunes, pode evoluir para gastrite atrófica – forma avançada que compromete a produção de ácido gástrico e enzimas, favorecendo deficiências nutricionais e aumentando o risco de câncer gástrico.

Estima-se que até 50% da população mundial esteja infectada por *H. pylori*, um dos principais agentes causadores da gastrite. Fatores como dieta inadequada, álcool e uso crônico de AINEs também contribuem para a condição. Os sintomas variam, podendo incluir dor epigástrica, náuseas, azia e plenitude pós-refeição. Em estágios avançados, complicações como hemorragias e úlceras podem surgir (Vasconcelos; Santos, 2023).

O tratamento convencional foca no controle dos fatores causais e no alívio dos sintomas, por meio de antiácidos, antagonistas H₂, inibidores da bomba de prótons (IBPs) e antibióticos em casos relacionados a *H. pylori* (Barbosa *et al.*, 2024; Moura *et al.*, 2024). Diante das limitações dos tratamentos tradicionais e seus efeitos adversos, cresce o interesse por terapias fitoterápicas. Muitas plantas medicinais demonstram propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e citoprotetoras, atuando na integridade da mucosa gástrica e no controle sintomático da doença. Um exemplo é a *M. ilicifolia* (espinheira-santa), nativa da América do Sul, amplamente utilizada na medicina popular contra distúrbios gástricos (Silva; Sales; Carmona, 2024; Aprigio; Vasconcelos, 2022).

A *M. ilicifolia* contém taninos, flavonoides e terpenos com ações regeneradoras, anti-inflamatórias e inibidoras da secreção ácida, oferecendo proteção à mucosa gástrica (Holnik *et al.*, 2015; Santos *et al.*, 2021). Pesquisas indicam que seus extratos podem apresentar eficácia comparável à de fármacos convencionais, com vantagens em pacientes intolerantes aos inibidores de bomba de prótons (IBPs) (Paula *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2024a). Reconhecendo seu potencial terapêutico, a planta foi incluída na legislação brasileira como de interesse medicinal (Lei nº 15.674/2011), incentivando estudos científicos e seu uso racional na fitoterapia (Couto; Franco; Pina, 2024).

Diante da recorrência da gastrite e das limitações dos tratamentos convencionais, é relevante questionar: até que ponto a *M. ilicifolia* pode oferecer uma alternativa eficaz, segura e respaldada cientificamente? Assim, este estudo

visa descrever as evidências farmacológicas da espinheira-santa no tratamento da gastrite, destacando seus mecanismos de ação e eventuais riscos, a fim de contribuir com o conhecimento sobre seu uso terapêutico.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, de natureza descritiva, retrospectiva e com abordagem qualitativa, cujo objetivo é reunir, analisar e sintetizar o conhecimento científico disponível sobre o uso da *M. ilicifolia*, popularmente conhecida como espinheira-santa, no tratamento da gastrite. Essa abordagem metodológica permite a construção de uma compreensão abrangente sobre o tema, identificando evidências consolidadas e lacunas ainda existentes na produção científica.

A formulação da questão norteadora baseou-se na estratégia PICo (População, Interesse e Contexto) (Quadro 1), sendo definida da seguinte maneira: “Quais são os efeitos terapêuticos do uso da *M. ilicifolia* no tratamento da gastrite em humanos, conforme evidenciado na literatura científica dos últimos cinco anos?”. A partir desta pergunta, foi estruturada uma estratégia de busca sistematizada para localizar os estudos relevantes.

Quadro 1. Estratégia PICo

| | |
|----------------------|--|
| P (População) | Pacientes com gastrite |
| I (Interesse) | Uso da <i>M. ilicifolia</i> |
| Co (Contexto) | Tratamento da gastrite com fitoterapia |

Fonte: Autores, 2025.

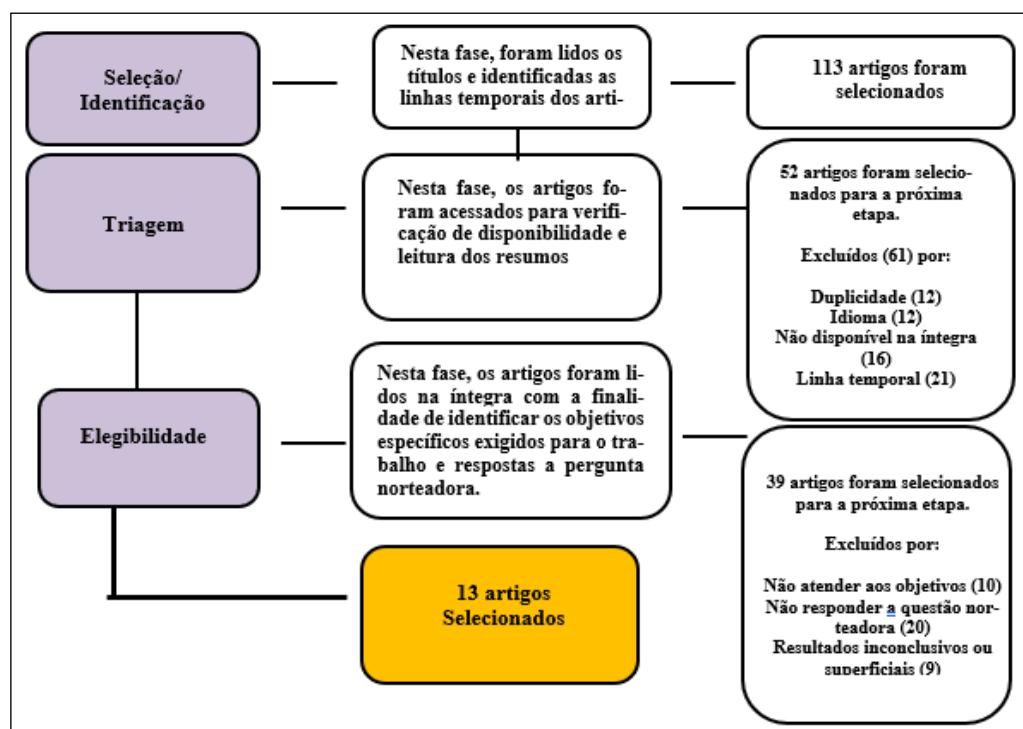
A coleta dos dados foi realizada nas bases de dados eletrônicas SciELO, PubMed/MEDLINE, LILACS e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O período de busca foi delimitado para os últimos 10 anos, com o objetivo de garantir a atualidade das evidências científicas incluídas na revisão. Para a construção das estratégias de busca, foram utilizados descritores controlados extraídos dos vocabulários DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e MeSH (*Medical Subject Headings*), combinados com os operadores booleanos “AND” e “OR”, a fim de ampliar e refinar a pesquisa. Os principais termos empregados foram: “*M. ilicifolia*” OR “Espinheira-santa” AND “Gastrite” OR “Inflamação gástrica” AND “Tratamento” OR “Uso terapêutico” OR “Fitoterapia” AND “dispepsia funcional”. A utilização de combinações estratégicas desses descritores possibilitou a recuperação de estudos pertinentes à temática investigada.

Foram adotados critérios de inclusão que permitiram a seleção de artigos científicos publicados no período especificado, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem diretamente o uso terapêutico da *M. ilicifolia* na gastrite, com foco em humanos ou em

modelos experimentais com relevância clínica, como estudos pré-clínicos com potencial de aplicação terapêutica. Foram considerados estudos originais, revisões sistemáticas e narrativas, ensaios clínicos e estudos pré-clínicos com embasamento farmacológico. Excluíram-se da amostra artigos duplicados entre as bases de dados, estudos com foco exclusivo nos aspectos botânicos ou agrícolas da planta, trabalhos de opinião, cartas ao editor, editoriais, trabalhos de conclusão de curso, resumos de eventos sem acesso ao texto completo e artigos que, embora mencionassem a planta, não abordassem seu uso no contexto da gastrite.

A seleção dos estudos foi realizada em etapas sucessivas, que se iniciou pela leitura dos títulos e resumos para uma triagem preliminar, seguida da leitura na íntegra dos textos pré-selecionados, com o objetivo de confirmar a adequação aos critérios estabelecidos (Figura 1). Os dados extraídos dos artigos incluíram informações como autores, ano de publicação, tipo de estudo, população ou amostra, tipo de intervenção, principais resultados e conclusões. Para organização das informações, foi utilizado um instrumento padronizado de coleta de dados, estruturado em formato de quadro, com categorias que permitiram uma análise comparativa e qualitativa dos principais achados e posteriormente discussão dos demais.

Figura 1. Fluxograma com as etapas de seleção dos artigos



Elaborado por: Autores (2025)

A análise dos dados seguiu os princípios da análise temática e categorial, permitindo a organização e discussão dos resultados em categorias como efeitos gastroprotetores da planta, mecanismos de ação, compostos bioativos presentes, eficácia clínica, potenciais efeitos adversos e segurança do uso. Os achados foram interpretados à luz da literatura atual, buscando compreender as potencialidades farmacológicas da *M. ilicifolia*, especialmente sua atividade anti-inflamatória, antioxidant, cicatrizante e protetora da mucosa gástrica, atribuídas em grande parte à presença de taninos, flavonoides e alcaloides.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a triagem e seleção dos estudos, todos os artigos incluídos na presente revisão foram avaliados qualitativamente por meio da leitura integral e extração dos dados relevantes, conforme os critérios previamente estabelecidos. As informações extraídas foram organizadas de maneira sistemática nas tabelas a seguir (Quadro 2), de modo a facilitar a análise comparativa entre os achados.

Quadro 2 - Caracterização dos dados referenciais dos artigos sobre a eficácia da espinheira santa no tratamento de condições gástricas

| Autores/ano | Título do artigo | Tipo de estudo | Avaliações/Intervenções | Resultados/Desfechos |
|--------------------------------|---|---------------------|--|--|
| Holnik <i>et al.</i> , (2015) | Comparação do teor de taninos entre duas espécies de espinheira-santa (<i>Maytenus aquifolium</i> Mart. e <i>M. ilicifolia</i> Mart. ex Reissek) cultivadas no Horto Medicinal do Refúgio Biológico Bela Vista - RBBV da Itaipu Binacional - Foz do Iguaçu, PR - Brasil. | Estudo experimental | Foram realizadas duas coletas com intervalo de um mês para cada espécie e para a quantificação foi realizada a análise por espectrofotometria segundo a Farmacopeia Brasileira V. | Os resultados foram analisados através do teste de variância (ANOVA) e a diferença no teor de taninos foi evidenciada pelo teste Tukey, a 5% de nível de significância empregando-se o software SISVAR. Foram obtidos em média 0,61% para o lote 1 e 2 de <i>Maytenus aquifolium</i> e (3,90%) para <i>M. ilicifolia</i> , resultando em uma média de 84,35% de taninos a mais para <i>M. ilicifolia</i> em comparação com <i>Maytenus aquifolium</i> concluindo assim que as espécies não devem ser intercambiáveis. |
| Santos, <i>et al.</i> , (2021) | Mapeamento de vias bioquímicas em <i>M. ilicifolia</i> (Celastraceae) por meio de proteômica e histoquímica integradas | Estudo experimental | Para os testes histoquímicos, foram selecionadas raízes laterais e feitas secções transversais manuais. Parte dos cortes foi mantida sem coloração, enquanto outra foi tratada com reagentes específicos para identificar metabólitos: Sudan III para lipídios e terpenoides, cloreto férreo para fenólicos e Dragendorff para alcaloides. As lâminas foram analisadas ao microscópio óptico e de epifluorescência, com registro por câmera digital. | A análise das raízes de <i>M. ilicifolia</i> revelou a presença de metabólitos como terpenos, alcaloides, flavonoides, fenólicos e amido, distribuídos principalmente no felema, córtex e xilema, sem estruturas secretoras especializadas. A histoquímica mostrou acúmulo de amido e presença de triterpenos, suberina e compostos fenólicos. A proteômica identificou 436 proteínas, ligadas a metabolismo, estresse, biossíntese de compostos bioativos e produção de fitormônios. A integração dos dados evidencia a complexidade dos mecanismos de defesa e adaptação da planta, reforçando seu potencial como fonte de compostos terapêuticos. |

| Autores/ano | Título do artigo | Tipo de estudo | Avaliações/Intervenções | Resultados/Desfechos |
|----------------------------------|--|--------------------------------|--|---|
| Santos <i>et al.</i> , (2021) | Identificação anatômica de amostras comercializadas como espinheira-santana Região Metropolitana do Rio de Janeiro | Estudo experimental | Os autores adquiriram 19 amostras oriundas principalmente de feiras, mercados municipais e lojas de produtos naturais. Para identificação do material, foram feitos cortes à mão livre do terço médio de folhas reidratadas, e as descrições anatômicas comparadas com a literatura e com lâminas de referência. Tais amostras frequentemente correspondem a uma fraude, já que apenas 1 em cada 4 foram identificadas como <i>M. ilicifolia</i> . | Dos 19 exemplares analisados como "espinheira-santa", apenas 5 (26%) eram de fato <i>*M. ilicifolia</i> *. As demais 14 amostras (74%) eram adulterações, principalmente <i>*Sorocea bonplandii</i> * ⁴ , com um caso grave de <i>"Bauhinia"</i> sp. A recorrência de <i>*S. bonplandii</i> * sugere adulteração sistemática. O estudo destaca a importância da fiscalização e da anatomia vegetal na identificação de plantas medicinais. |
| Paula <i>et al.</i> , (2022) | Uma investigação in vitro e in silico sobre a atividade de <i>Monteverdia ilicifolia</i> contra <i>Helicobacter pylori</i> | Avaliação pré clínica | Destacamos o extrato de <i>M. ilicifolia</i> como ativo contra <i>H. pylori</i> . O extrato bruto produzido com acetona:água apresentou a melhor atividade inibitória de <i>H. pylori</i> dentre todos os cinco extratos (CIM 64 µg/mL). As frações de acetato de etila dos extratos brutos produzidos com etanol e acetona apresentaram CIM de 64 µg/mL. Ambas as frações de acetato de etila e o extrato bruto produzido com acetona apresentaram capacidade antioxidante entre 14,51 e 19,48 µg/mL no ensaio DPPH. No ensaio FRAP, duas frações de acetato de etila (EAF2 e EAF4) apresentaram capacidade antioxidante de 5,40 e 5,15 mM Trolox/g de extrato. | O extrato de <i>M. ilicifolia</i> demonstrou atividade significativa contra <i>Helicobacter pylori</i> , com inibição mínima (CIM) de 64 µg/mL nos extratos brutos de acetona:água e nas frações de acetato de etila. Além disso, apresentou potente atividade antioxidante nos ensaios DPPH (14,51–19,48 µg/mL) e FRAP (5,15–5,40 mM Trolox/g). Análises por espectrometria de massas identificaram taninos monoméricos, diméricos, triméricos e flavonoides glicosilados, compostos associados às atividades antioxidante e antibacteriana. Os polifenóis presentes em <i>M. ilicifolia</i> podem contribuir para o tratamento ou prevenção de infecções por <i>H. pylori</i> . |
| Silva <i>et al.</i> , (2022) | <i>Monteverdia ilicifolia</i> : um protetor gástrico | Estudo experimental in vivo | Modelo animal para avaliação de efeito gastroprotetor | O extrato inibiu lesões induzidas na mucosa gástrica, demonstrando clara ação protetora frente à úlcera e inflamação. |
| Frighetto <i>et al.</i> , (2023) | Compostos bioativos das folhas de <i>M. ilicifolia</i> : inibição da oxidação, alvos enzimáticos e crescimento microbiano | Estudo fitoquímico e funcional | Análise de compostos por HPLC-MS/MS, testes antioxidantes e antimicrobianos | Identificados taninos, flavonoides e derivados do kaempferol com alta atividade antioxidante e anti-inflamatória. |
| Silva <i>et al.</i> , (2023) | Ensaio clínico randomizado duplo cego de <i>M. ilicifolia</i> como estratégia de manejo da dispepsia na doença de refluxo gastroesofágico : dados preliminares | Ensaio clínico randomizado | 86 pacientes foram incluídos e alocados em 3 grupos experimentais: 20 mg omeprazol; 400 mg <i>M. ilicifolia</i> ou 860 mg <i>M. ilicifolia</i> . Cápsulas foram disponibilizadas pela empresa SUSTENTEC®, usando uma estratégia de escalonamento. Indivíduos foram instruídos a tomar 3 cápsulas, duas vezes por dia por 28 dias. | Resultados preliminares indicam que o extrato de <i>M. ilicifolia</i> (400 mg e 860 mg) foi eficaz na redução dos sintomas de gastrite e refluxo, com melhora significativa nos escores dos questionários GERD-QS e HBQOL (média inicial 24,208±0,935; final 9,703±1,1716). A eficácia foi comparável à do omeprazol, sem evidência de inferioridade. A adesão ao tratamento foi semelhante entre os grupos. Esses dados sugerem que <i>M. ilicifolia</i> é uma alternativa promissora no manejo da gastrite. |

| Autores/ano | Título do artigo | Tipo de estudo | Avaliações/Intervenções | Resultados/Desfechos |
|-----------------------------------|--|--------------------------------|--|--|
| Silva <i>et al.</i> , (2024) | Avaliação Farmacológica da Planta Medicinal Tradicional Brasileira <i>M. ilicifolia</i> na Doença do Refluxo Gastroesofágico: Resultados Preliminares de um Ensaio Clínico Randomizado Duplo-Cego Controlado | Ensaio clínico randomizado | Foi realizado um ensaio clínico duplo-cego, randomizado, de não inferioridade, com 86 pacientes com DRGE divididos em três grupos: omeprazol (20 mg), *M. ilicifolia* (400 mg) ou *M. ilicifolia* (860 mg). Os participantes tomaram três cápsulas duas vezes ao dia por 4 semanas. Os desfechos foram avaliados no início e no fim do estudo, incluindo sintomas (QS-GERD), impacto na qualidade de vida (HQOL) e dados clínicos. | No geral, 75,6% dos participantes aderiram ao tratamento, sem diferença entre os grupos. Todos os grupos apresentaram melhora significativa nos sintomas e qualidade de vida. As cápsulas com 400 e 860 mg de *M. ilicifolia* reduziram os escores do QS-GERD de forma semelhante ao omeprazol. Não houve diferença entre os tratamentos após a intervenção, indicando que o extrato de *M. ilicifolia* não é inferior ao omeprazol no alívio dos sintomas. |
| Barbosa <i>et al.</i> (2024) | Uso da espinheira-santa (<i>M. ilicifolia</i>) no tratamento de pacientes com distúrbios gastrointestinais | Revisão narrativa | Levantamento de estudos clínicos e relatos sobre a utilização de <i>M. ilicifolia</i> em distúrbios digestivos | Evidências sugerem eficácia clínica da planta em pacientes com gastrite e dispepsia leve, com bom perfil de segurança |
| Danilevitz <i>et al.</i> , (2024) | Avaliação farmacológica de <i>M. ilicifolia</i> : estudo de segurança pré-clínico | Estudo pré-clínico | Ensaio em modelo animal para avaliar toxicidade aguda e efeitos gástricos | Demonstração de segurança toxicológica e potencial gastroprotetor em doses terapêuticas |
| Couto, Franco, Pina (2024) | Atenção farmacêutica no controle de qualidade do elixir e folhas de <i>M. ilicifolia Mart. ex Reiss</i> (espinheira-santa) | Estudo experimental aplicado. | Foram analisadas três amostras de elixir e três de folhas secas adquiridas em casas de ervas de Belém-PA. As etapas incluíram análise macroscópica, preparo de extratos, testes microbiológicos e fitoquímicos. No elixir, foram avaliadas características físicas e contaminação microbiológica, usando a técnica do Número Mais Provável (NMP). As folhas secas foram examinadas quanto à aparência e embalagem. Para os testes fitoquímicos, preparou-se um extrato hidroalcoólico com álcool 70%, utilizado para identificar compostos como alcaloides, flavonoides, taninos e saponinas por reações químicas. | Os resultados indicam uma deficiência na padronização, como a ausência de rótulos ou bulas com instruções de uso e validade tanto nas folhas quanto no elixir. O elixir apresentava sinais de infecção bacteriana. |
| Silva; Sales; Carmona (2024) | <i>M. ilicifolia</i> (espinheira-santa): uma breve revisão e relato de uma experiência de uso | Revisão de literatura | Pesquisa nas bases de dados | A espinheira-santa é amplamente usada no Brasil, especialmente no Sul, para tratar problemas gástricos. Estudos confirmam seu uso popular e cultivo doméstico. Seus efeitos gastroprotetores e antiulcerogênicos são atribuídos a compostos como flavonoides e taninos, com ação semelhante à de ranitidina, mas com menos efeitos colaterais. Também é indicada para cicatrização e suporte durante quimioterapia, sendo reconhecida por listas oficiais como RENISUS e RENAME. |
| Siqueira <i>et al.</i> (2025) | Desenvolvimento de extrato de <i>M. ilicifolia</i> seco por atomização para ensaio clínico | Desenvolvimento farmacotécnico | Obtenção e padronização de extrato seco para uso oral em ensaios clínicos | Produção bem-sucedida de extrato padronizado com estabilidade e perfil químico consistente |

Elaborado por: Autores, (2025).

A utilização de plantas medicinais no tratamento de doenças gastrointestinais tem sido prática recorrente nas comunidades tradicionais e vem despertando o interesse científico por sua eficácia, segurança e potencial terapêutico. Entre as espécies estudadas, destaca-se *M. ilicifolia*, popularmente conhecida como espinheira-santa, amplamente utilizada no Brasil para distúrbios gástricos. Os estudos reunidos nesta revisão evidenciam a relevância dessa planta no tratamento da gastrite, tendo como base sua composição fitoquímica, mecanismos de ação e desfechos terapêuticos observados tanto em modelos experimentais quanto clínicos.

A caracterização fitoquímica de *M. ilicifolia* aponta a presença de compostos como taninos, flavonoides, triterpenos e óleos essenciais, substâncias com propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e cicatrizantes. Esses componentes atuam de forma sinérgica na proteção da mucosa gástrica, promovendo inibição da secreção ácida, neutralização de radicais livres e estímulo à regeneração tecidual. Frighetto *et al.* (2023), por exemplo, ao analisarem compostos bioativos por HPLC-MS/MS, observaram forte capacidade antioxidante e atividade antimicrobiana de extratos da planta, com destaque para a inibição da peroxidação lipídica e crescimento microbiano, inclusive *H. pylori*.

A partir da década de 1990, as pesquisas com *M. ilicifolia* passaram a ser pautadas pela necessidade de validação científica de seus efeitos terapêuticos. Estudos como o de Santos *et al.* (2021), ao investigarem as alterações histoquímicas e proteômicas em tecidos gástricos, mostraram que o extrato da planta possui efeito modulador sobre os processos inflamatórios locais. Já Paula *et al.* (2022) confirmaram, por meio de testes *in vitro* e *in silico*, o potencial da planta contra *H. pylori*, bactéria associada à patogênese da gastrite e úlceras, evidenciando a atuação antibacteriana e antioxidante dos extratos de *M. ilicifolia*.

Outros estudos importantes avaliaram a segurança toxicológica do extrato. Danilevicz *et al.* (2024), em ensaio pré-clínico, demonstraram que o extrato apresenta baixa toxicidade aguda e efeito protetor sobre o epitélio gástrico, fortalecendo a aplicabilidade terapêutica em humanos. Esses achados são consistentes com os dados de Holnik *et al.* (2015), que relataram a ausência de alterações significativas em parâmetros bioquímicos e histopatológicos em modelos animais tratados com extratos da planta. Além disso, Siqueira *et al.* (2025) realizaram estudo farmacotécnico e conseguiram produzir extrato seco padronizado com estabilidade físico-química, essencial para a realização de ensaios clínicos com reprodutibilidade.

Do ponto de vista clínico, destaca-se o ensaio de Santos *et al.* (2024), que avaliou a eficácia do extrato de *M. ilicifolia* em pacientes com doença do refluxo gastroesofágico. O estudo randomizado, duplo-cego e controlado por omeprazol demonstrou que o extrato, nas doses de 400 mg e 860 mg, apresentou efeitos não inferiores ao fármaco de referência na redução dos sintomas de

refluxo e dor epigástrica. Essa evidência representa um avanço na validação científica da planta e reforça sua utilidade clínica em distúrbios gástricos. Silva *et al.* (2022), por sua vez, comprovaram em modelo animal o efeito protetor do extrato frente a lesões gástricas induzidas, sugerindo ação antiulcerogênica robusta.

Observa-se também uma preocupação com a qualidade dos produtos à base desta planta em contexto disponíveis no mercado. Santos *et al.* (2021), em estudo de adulterações comerciais, identificaram que algumas amostras comercializadas como *M. ilicifolia* pertenciam a outras espécies botânicas, o que compromete a segurança e a eficácia terapêutica dos produtos. Esses dados reiteram a importância da rastreabilidade botânica e da regulamentação da cadeia produtiva de fitoterápicos. Siqueira *et al.* (2025) contribuem nesse aspecto ao padronizar extratos com controle de qualidade analítico rigoroso, favorecendo o uso seguro e racional.

Além dos dados experimentais e clínicos, o saber popular segue como base relevante na condução das pesquisas. A revisão de Barbosa *et al.* (2024) destacou que o uso da *M. ilicifolia* em comunidades do sul do Brasil está associado à melhora de sintomas como queimação, dor epigástrica e dispepsia funcional leve. Silva; Sales e Carmona (2024) também relataram experiências positivas com a planta, enfatizando a importância da integração entre a medicina tradicional e a científica. Embora relatos individuais não substituam ensaios clínicos, eles subsidiam hipóteses e confirmam a relevância sociocultural da planta.

A análise crítica dos estudos permite inferir que, embora ainda existam limitações metodológicas, como número reduzido de ensaios clínicos controlados e variações nas formulações utilizadas, há um corpo crescente de evidências científicas que apontam para a eficácia terapêutica de *M. ilicifolia*. A incorporação dos novos estudos nesta revisão fortaleceu a base argumentativa e ampliou a compreensão dos mecanismos envolvidos. Os efeitos anti-inflamatórios, antioxidantes, antimicrobianos e cicatrizantes do extrato são consistentes, tanto em modelos experimentais quanto em humanos, sustentando o uso racional da planta em protocolos de tratamento complementar da gastrite.

Nesse sentido, a continuidade das pesquisas, com estudos multicêntricos, ensaios clínicos de larga escala e padronização dos extratos, é fundamental para consolidar o uso de *M. ilicifolia* como fitoterápico seguro e eficaz. A integração entre o conhecimento tradicional, a farmacognosia, a tecnologia farmacêutica e a clínica são o caminho mais promissor para que a espinheira-santa se torne uma alternativa terapêutica baseada em evidências, segura e acessível à população.

4 CONCLUSÃO

Os achados desta revisão indicam que *M. ilicifolia* possui potencial terapêutico relevante no manejo da gastrite, respaldado por evidências

científicas que confirmam seus efeitos gastroprotetores, anti-inflamatórios e antioxidantes. A ampliação do número de estudos recentes fortaleceu essa base, ao mesmo tempo em que evidenciou a necessidade de avanços na padronização dos extratos e no desenvolvimento de ensaios clínicos robustos.

Como alternativa fitoterápica, *M. ilicifolia* se mostra promissora, desde que inserida em protocolos que valorizem a segurança, a eficácia e a integração entre o saber tradicional e a ciência. Consolidar esse uso de forma ética e baseada em evidências depende do investimento em pesquisa qualificada, regulamentação adequada e valorização das práticas de cuidado integrativo no sistema de saúde. Com isso, este estudo contribui para ampliar o entendimento científico sobre a planta e reforça seu lugar como possível adjuvante no tratamento da gastrite, abrindo caminhos para o avanço da fitoterapia clínica baseada em evidências.

REFERENCIAS

- ALVES, B. de A. *et al.* Tireoidite e gastrite atrófica autoimune: uma revisão de literatura. **Revista Foco**, v. 17, n. 10, p. e6707, 31 out. 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/6707>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- APRIGIO, N. S. M.; VASCONCELOS, T. C. L. Plantas medicinais no tratamento de gastrite. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, p. e355111537518, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35511>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- BARBOSA, E. *et al.* Uso da espinheira-santa (*Monteverdia ilicifolia*) no tratamento de pacientes portadores de transtornos gastrointestinais. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 2, p. e67727, 2024.
- COUTO, N. C.; FRANCO, M. F.; PINA, J. R. S. Atenção farmacêutica no controle de qualidade do elixir e folhas de *M. ilicifolia* Mart. ex Reiss (espinheira-santa). **Brazilian Journal of Development**, v. 10, n. 8, p. e71883, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/71883>. Acesso em: 28 maio 2025.
- DANILEVICZ, C. K. *et al.* Pharmacological evaluation of a traditional Brazilian medicinal plant, *Monteverdia ilicifolia*. Part I – Preclinical safety study. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 324, p. 117806, 24 abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jep.2024.117806>. Acesso em: 28 maio 2025.
- HOLNIK, P. R. *et al.* Comparação do teor de taninos entre duas espécies de espinheira-santa (*Maytenus aquifolium* Mart. e *M. ilicifolia* Mart. ex Reissek) cultivadas no Horto Medicinal do Refúgio Biológico Bela Vista – RBBV da Itaipu Binacional – Foz do Iguaçu, PR – Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, n. 3, p. 385–391, jul. 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-084X/12_160. Acesso em: 28 maio 2025.

LIMA, A. G. *et al.* Gastrite e úlcera gástrica. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Xanxerê**, v. 6, p. e28102, 2021.

MOURA, F. C. L. de S. *et al.* Análise comparativa do uso de inibidores da bomba de prótons e de antagonistas dos receptores H2 no tratamento da gastrite. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 7, p. 965–980, 9 jul. 2024. Disponível em: <https://bjih.scielo.br/article/view/2543>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PAULA, M. N. *et al.* An in vitro and in silico investigation about *Monteverdia ilicifolia* activity against *Helicobacter pylori*. **Antibiotics (Basel)**, v. 12, n. 1, p. 46, 28 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/antibiotics12010046>. Acesso em: 28 maio 2025.

SALEM, M.; HAJAR, R. G. Associação da gastrite crônica com *Helicobacter pylori*. **REMS**, v. 2, n. 4, p. 23, 9 mar. 2022. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/rems/article/view/3206>. Acesso em: 1 abr. 2025.

SANTOS, G. U. C. A. dos *et al.* Identificação anatômica de amostras comercializadas como espinheira-santa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **Paubrasilia**, v. 4, p. e0064, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsb.edu.br/index.php/paubrasilia/article/view/64>. Acesso em: 29 maio 2025.

SANTOS, V. A. F. F. M. *et al.* Mapeamento de vias bioquímicas em *M. ilicifolia* (Celastraceae) por meio de proteômica e histoquímica integradas. **Journal of the Brazilian Chemical Society**, v. 32, n. 2, p. 237–248, fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21577/0103-5053.20200173>. Acesso em: 29 maio 2025.

SANTOS, L. B. de M. *et al.* Análise comparativa do uso de inibidores da bomba de prótons e de antagonistas dos receptores H2 no tratamento da gastrite. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 7, p. 965–980, 2024. Disponível em: <https://bjih.scielo.br/article/view/2543>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, M. S. *et al.* Pharmacological evaluation of the traditional Brazilian medicinal plant *Monteverdia ilicifolia* in gastroesophageal reflux disease: preliminary results of a randomized double-blind controlled clinical trial. **Pharmaceuticals (Basel)**, v. 17, n. 11, p. 1559, 20 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/ph17111559>. Acesso em: 28 maio 2025.

SIQUEIRA, I. R. *et al.* Desenvolvimento de extrato de *Monteverdia ilicifolia* seco por atomização para um ensaio clínico: uma experiência bem-sucedida de ampliação em escala com uma planta nativa brasileira. **Pré-impresões**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.20944/preprints202503.1351.v1>. Acesso em: 28 maio 2025.

SILVA, M. S. *et al.* Pharmacological evaluation of the traditional Brazilian medicinal plant *Monteverdia ilicifolia* in gastroesophageal reflux disease: preliminary results of a randomized double-blind controlled clinical trial. **Pharmaceuticals (Basel)**, v. 17, n. 11, p. 1559, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/ph17111559>. Acesso em: 28 maio 2025.

SILVA, T. R. R.; SALES, D. S.; CARMONA, F. *Monteverdia ilicifolia* (espinheira-santa): uma breve revisão e relato de uma experiência de uso. **Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação**, v. 5, n. 1, p. 147–166, 2024. Disponível em: <https://dialogus.baraodemaua.br/index.php/cse/article/view/812>. Acesso em: 28 maio 2025.

SILVA, M. R. R. et al. *Monteverdia ilicifolia*: um protetor gástrico. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 26, n. 3, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v26i3.2022.9006>

VASCONCELOS, E. C.; SANTOS, M. H. P. Uso de medicamento fitoterápico espinheira-santa no tratamento da doença gastrintestinal gastrite. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 4, p. e9412441023, 2023.